

O sionismo nazista

Janeiro de 2009

* Ivan Leichsenring

A grande mídia ocidental, subordinada a grande mídia ianque, é muito influenciada pelos judeus-israelenses e os não-israelenses desde o término da 2ª Guerra Mundial. Note, por exemplo, o tema nazista, que é explorado com centenas de milhares de filmes todos os anos, ao ponto que um judeu-não israelense, o professor universitário estadunidense Norman G. Finkelstein da Universidade de Nova Iorque, cujos pais estiveram no campo de concentração de Varsóvia, escrever um livro denunciando a Indústria do Holocausto, construída a partir da Guerra dos 6 Dias:

"(...)...as atrocidades nazistas transformaram-se num mito americano que serve aos interesses da elite judaica, sendo que nesse sentido, o holocausto transformou-se em Holocausto (com h maiúsculo), ou seja, numa indústria que exhibe como vítimas o grupo étnico mais bem sucedido dos Estados Unidos e apresenta como indefeso um país como Israel, uma das maiores potências militares do mundo, que oprime os não judeus em seu território e em áreas de influência".

Nele, o autor aponta que o número de sobreviventes foi exagerado com intuito de chantagear grandes corporações, países e bancos como forma de aumentar recursos financeiros na guerra contra os árabes, demonizados, que buscariam novamente a "solução final".

De fato, Israel é um dos poucos países do mundo com programa nuclear, conta com nada menos que 200 bombas atômicas, afora possuir um dos maiores e mais bem preparados exércitos, posto ser obrigatório tanto para homens como mulheres e que, uma vez por ano, o reservista deverá se apresentar a serviços de guerra.

Foi interessante a posição britânica de entregar o problema palestino a ONU, em 1948, isentando-se da responsabilidade, por ela permitida, da invasão sionista no Oriente Médio desde o fim do século XIX, que compravam as melhores terras palestinas e cujo lema era (e continua sendo) "Uma terra [Palestina] sem povo [os palestinos] para um povo [judeus] sem terra".

Para os donos da ONU, os EUA, cabe a defesa irrestrita de Israel, como "Estado" — que não existe como tal, uma vez que até hoje não conseguiu definir suas fronteiras — e como uma suposta "democracia" — apesar de ser tão fundamentalista quanto são os vizinhos islâmicos, já que baseia seus argumentos na Lei Judaica, ou seja, nas interpretações de ortodoxos do livro religioso Torá e de não possuir uma constituição civil. Essa defesa faz-se importante, não só como modo de lavar a alma ocidental das atrocidades nazistas cometidas contra os judeus, permitidas e ocultadas pelas nações européias da época, mas também como modo de ter um "país" ocidental na região mais petrolífera do mundo, zona estratégica entre três continentes, e que possui a 4ª bacia de água potável do planeta (Iraque, antiga Mesopotâmia).

Desde a primeira invasão ianque no Iraque, criou-se um mito que o armamento militar ocidental de hoje é tão automatizado que é possível encontrar e atingir um inimigo dentro de uma caverna profunda, sem atingir civis ao redor. O mesmo mito ainda hoje permanece, principalmente quando se trata do povo escolhido de Deus, há quatro mil anos e portanto, superior e merecedor da terra palestina: os israelenses.

Israel supostamente luta contra o terrorismo praticado pelo braço armado do Hamas, e no entanto, o primeiro tipo de terrorismo que possa ser definido como tal é o de Estado, que através do terror e do assassinato,



da humilhação e tirania de populações civis impõe seus objetivos políticos, militares e sociais. No caso da Palestina, o terror israelense é acompanhado da profunda corrupção da Autoridade Palestina, que deixou de representar seu povo aliando-se às políticas perpetradas por israelenses.

Os nossos jornais dizem que até agora apenas morreram 900 palestinos e 2500 estão feridos, o que é mais uma piada ocidental, se pensarmos numa população de 1,5 milhão de habitantes que vive numa das regiões mais densamente povoadas do mundo, algo em torno de 4000 pessoas por metro quadrado; isolada, rotulada e marcada como gado por Israel e Egito; sem controle marítimo e espaço aéreo em seu próprio território; não reconhecido como Estado até hoje pela mesma ONU que reconhece Israel; sem eletricidade, sem comunicação com o mundo exterior e ajuda humanitária (graças ao bloqueio israelense); sem educação e saúde, com 80% de sua população na miséria; com sistema de saneamento básico falido etc.

Esta informação do número de vítimas é as que os jornais ocidentais têm acesso, graças ao vínculo com as mídias ianques. No entanto, quem garante a veracidade de tal número se os jornais do mundo inteiro estão proibidos de entrar em Gaza pelos terroristas israelenses? Esta veracidade é a de Israel, o povo opressor. O outro lado do Holocausto é contado por meio de blogs de palestinos sitiados em Gaza (que são ameaçados de morte por israelenses), é retratado por Carlos Lattuf (cartunista brasileiro, já condenado por extremistas), e é claro, pela única mídia que o mundo ocidental não tem acesso: a Al-Jazeera.



Quase todas as guerras israelenses-árabes desde a invasão judia na região foram ganhas por Israel, com apoio militar e econômico dos EUA. Os governos fantoches do Egito e da Arábia Saudita tiveram que se render ao fato de não possuírem bombas atômicas e de não poderem negociar num caso de embargo econômico por lutarem contra Golias – e seu marionete de estimação, os EUA. Este também foi o caminho seguido pela Jordânia, em tempos mais atuais. Assim, o senso comum tem razão quando diz que o mundo árabe também não se importa com a causa palestina, já que os regimes locais ou são ditaduras ou monarquias, em geral fantoches, apoiados pelos EUA. Por outro lado, o Irã, membro permanente do "Eixo do Mal", não é um país árabe, é persa, apesar de ser muçulmano de maioria xiita (ao contrário da maioria dos países da região que são sunitas), e

não mantém relações diplomáticas com os EUA desde a Revolução Iraniana, em 1979. Não reconhece Israel como Estado e agora sofre com embargos da ONU em virtude de seu programa nuclear.

A crise palestina nunca foi religiosa, e sim política, econômica, militar (geopolítica) e, portanto, étnica-cultural. O Egito isola Gaza de um lado, impedindo seu acesso ao mundo árabe (desde os primórdios dos acordos de paz), e esta guerra israelense é financiada pela Arábia Saudita. Sendo assim, não é a questão religiosa que importa, trata-se de um massacre muçulmano-judaico, com armas ianques, de um mísero povo árabe e muçulmano. Estes dois países árabes são vistos como traidores no Oriente Médio porque apoiam um "Estado" terrorista ocidental favorecido totalmente pelo Império, que está amarrado na imunidade conquistada pelos judeus desde a 2ª Guerra.

Naturalmente a ONU como qualquer grande jornal do mundo não está nem aí para os palestinos, ainda que não possam dizer isso abertamente, já que estes não possuem origem étnica e religiosa europeia (como no caso dos povos da Ex-Iugoslávia) e ainda não sofreram um Holocausto — talvez somente assim os processos de paz de fato ocorram. Eis aí a evolução israelense, de oprimido a opressor, do Gueto de Varsóvia ao Gueto de Gaza. E Israel se aproveita, também disso, ao ponto de se isentar e de impor isenção por suas ações.

No entanto, independente de governos ou estados, e também de religiões, os humanos tendem a se identificar com os povos oprimidos e/ou suas guerrilhas, caso dos tibetanos, dos bascos, dos irlandeses, dos zapatistas, das FARC, do MST e, da bola da vez, os palestinos, incriminados e aterrorizados por um povo hoje imune e/ou intocável (e que outrora, participava nas mesmas trágicas condições). Ser contra os israelenses é ser

anti-semita, na visão ocidental, em virtude do tabu criado na era nazista e perpetuado em filmes. Daí, os palestinos serem Davi, ainda que atirar pedras num gigante como Golias, que palita os dentes com bombas atômicas e, independente dos julgamentos de terceiros faz o que bem entender, não seja viável.

A grande ironia é que somente a bomba atômica pode trazer a paz entre os países. Sou a favor de que todo e qualquer país tenha acesso a isso, só assim é possível negociar neste mundo. O resto do mundo não se mete com a Coreia do Norte, por exemplo, nem com a China. As relações políticas entre a Índia e o Paquistão sobre a Caxemira são obrigatoriamente resolvidas no diálogo, já que ambos os países também possuem bomba atômica. Sou a favor da bomba atômica da paz, e não a paz sem bomba e sem armas restritas a conversas inúteis na ONU. Quer a paz, prepara-te para a guerra, disse certa vez um romano.

Se esse mundo fosse sério e ético, Israel sofreria sanções ou um embargo econômico mundial pelo *apartheid* que usa contra os palestinos, seria condenado num tribunal internacional por crime de guerra pelos *pogrom* realizados e pela tentativa de genocídio de um povo imensamente mais fraco político, econômico e militarmente. É o nazi-sionismo imperando, com apoio mundial.

* [Linguísta, artista plástico e educador]

Especialmente ao Jornal *A Palavra Latina*

<http://www.apalavralatina.org/apl/>